



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO



EDUCAÇÃO, TERRITÓRIOS E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Atas do II Seminário Internacional



CATOLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO



EDUCAÇÃO, TERRITÓRIOS E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Atas do II Seminário Internacional

Porto . 2017

© 2017 Universidade Católica Portuguesa . Porto
Faculdade de Educação e Psicologia
Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano

Título: Educação, Territórios e Desenvolvimento Humano: Atas do II Seminário Internacional . **Organizadores:** Joaquim Machado (coord.), Cristina Palmeirão, Ilídia Cabral, Isabel Baptista, Joaquim Azevedo, José Matias Alves, Maria do Céu Roldão . **Autores:** Adriana de Lima Penteadó, Afonso José Ganho Pereira de Athayde, Aldenor Batista da Silva Junior, Amâncio Carvalho, Amélia de Jesus Marchão, Ana Vigário, Angelina Sanches, António Andrade, Armando Loureiro, Carla Alexandra do Espírito Santo Guerreiro, Carla Baptista, Carla Sofia Oliveira, Carolina Mendes, Célia Beatriz Piatti, Cláudia Aleixo Alves, Cleonice Halfeld Solano, Conceição Martins, Cristiane Mesquita Gomes, Cristina Palmeirão, Cynthia Matínez-Garrido, Daniela Gonçalves, Danilma de Medeiros Silva, Dante Henrique Moura, Darliane Silva do Amaral, Elisabete Corcetti, Elsa Morgado, Elza Mesquita, Erlando Silva Rêses, Eulália Tadeu, Felipe André Angst, Fernando Rebola, Filomena Lume, Francisco Guimarães, Geisa Portelinha Coelho, Germano Borges, Hélder Henriques, Henrique Luís Gomes de Araújo, Ilda Freire Ribeiro, Ilídia Cabral, Íris Daniela Bidarra, Isabel Lage, Jane do Carmo Machado, Joana Leite, Joaquim Azevedo, Joaquim Escola, Joaquim Machado, Joaquim Sousa, Joelci Mora Silva, José Matias Alves, Laura Rocha, Laurinda Leite, Lenilda damasceno Perpétuo, Leonor Lima Torres, Levi Silva, Leyani Ailin Chávez Noya de Oliveira, Luísa Orvalho, Luiz Caldeira Brant de Tolentino-Neto, Manuel Luís Castanheira, Manuel Monteiro, Manuel Peniche Bertão, Marco António Oliva Monje, Marco Cruzeiro, Margarida Maria da Gama oliveira, Maria das Dores Saraiva de Loreto, Maria do Céu Roldão, Maria Filomena Gonçalves Ferreira, Maria Gerlandia de Oliveira Aquino, Maria Isolete Sousa, Maria Ivone Gaspar, Maria Lúcia Massano, Maria Teresa Mateus Pires, Marina Pinto, Mário Cardoso, Mary Rangel, Micheli Bordoli Amestoy, Milena Pimenta de Souza, Paula Marisa Fortunato vaz, Paula Pinto, Paulo de Carvalho, Renata Leite, Rubia Fonseca, Rui Lourenço-Gil, Rui Neves, Samuel Helena Tumbula, Sandra Mónica Dias Almeida, Sefisa Bezerra, Sérgio Olim Gomes de Mendonça, Sílvia Amorim, Sirley Marques da Silva, Sofia Bergano, Sónia da Cunha Urt, Sónia Mirela de Sousa, Soraya Vital, Sueli Mamede Lobo Ferreira, Susana Gastal, Susana Henriques, Teresa Melo Gomes; Rosa Serradas Duarte, Victor Muirequetule, Vincenzo Schirripa, Vitor Barrigão Gonçalves, Wilson ProfirioNicaquela, Zulmira Moreira Ramos **Design e Paginação:** LabGraf . **Colaboração:** Cristina Crava, Francisco Martins . **Editor:** Faculdade de Educação e Psicologia – Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano, Universidade Católica Portuguesa – Porto . **Local e data:** Porto, 2017 . **ISBN:** 978-989-99486-8-6 .

APRESENTAÇÃO	9
ÁREA TEMÁTICA	
PROJETOS LOCAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIOCOMUNITARIO	
<hr/>	
A ARTICULAÇÃO DO SISTEMA DE EDUCAÇÃO PARA A EFETIVAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES NO MUNICÍPIO DE LUZIÂNIA-GO	13
Sueli Mamede Lobo Ferreira	
CURRÍCULO, FORMAÇÃO INTEGRAL & EDUCAÇÃO 3.0	27
Rubia Fonseca, Amâncio Carvalho, Joaquim Escola, Armando Loureiro	
FESTAS RELIGIOSAS E COGNIÇÃO POPULAR: UMA APROXIMAÇÃO À FESTA DO DIVINO EM ALCÂNTARA (BRASIL)	49
Susana Gastal, Cristiane Mesquita Gomes	
ENSINO SUPERIOR MILITAR E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DE COMANDO E LIDERANÇA	65
Victor Muirequetule, Joaquim Machado	
A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL NO SÉCULO XX: O DESAFIO DA APRENDIZAGEM NA DIVERSIDADE CULTURAL DOS POVOS INDÍGENAS XUKURU DO ORORUBÁ	83
Maria Gerlandia de Oliveira Aquino	
PROJETO INTEGRA-(TE): PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO NA EXPLORAÇÃO DE NOVOS DESAFIOS	105
Vitor Barrigão Gonçalves, Paula Marisa Fortunato Vaz	
EDUCATION AND COMMUNITY EMPOWERMENT IN THE CONTEXT OF ITALIAN MERIDIONALISM. DANILO DOLCI, A NONVIOLENT LEADER IN SICILY	115
Vincenzo Schirripa	
HÁ LUGAR PARA O ANTROPÓLOGO NOS PLANOS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL?	129
Henrique Luís Gomes de Araújo	
LITERACIA MUSICAL E APRENDIZAGEM SOCIAL: ESTUDO DE CASO	139
Zulmira Moreira Ramos	

ÁREA TEMÁTICA

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E PROJETOS DE MELHORIA

AÇÕES DE (AUTO)AVALIAÇÃO E SEUS EFEITOS PARA MELHORIA DA QUALIDADE NO ENSINO SUPERIOR – UM ESTUDO DE CASO	154
Felipe André Angst, José Matias Alves	
A AUTOAVALIAÇÃO COMO PROCESSO DE MELHORIA: UM ESTUDO DE CASO	174
Carla Baptista, José Matias Alves	
AS PERCEÇÕES DOS DIRETORES DE TURMA SOBRE AS SUAS FUNÇÕES E PODERES	183
Sónia Mirela de Sousa, Joaquim Machado	
O PROJETO EDUCATIVO NA PROMOÇÃO DA FUNCIONALIDADE DA ESCOLA	192
Margarida Maria da Gama oliveira, Cristina Maria Gomes da Costa Palmeirão	
SEGURANÇA PSICOLÓGICA DAS EQUIPAS E COMPORTAMENTOS DE APRENDIZAGEM: UM ESTUDO EMPÍRICO EM ORGANIZAÇÕES ESCOLARES	219
Rui Lourenço-Gil, Ilídia Cabral, José Matias Alves	
ENVOLVIMENTO E PARTICIPAÇÃO NA CIDADANIA GLOBAL: REFLEXOS DA FORMAÇÃO	232
Ilda Freire Ribeiro, Sofia Bergano, Conceição Martins, Angelina Sanches, Elza Mesquita	
PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA: MELHORIA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA?	251
Cleonice Halfeld Solano	
O CONTROLO DA QUALIDADE E A GARANTIA DA QUALIDADE EQAVET: DE QUE FALAMOS?	265
Laura Rocha, José Matias Alves	
CONSTRUCCIÓN DE UN MODELO DE ENSEÑANZA EFICAZ	282
Cynthia Matínez-Garrido	
AS LIDERANÇAS INTERMÉDIAS: QUE CONTRIBUTO PARA O (IN)SUCESSO DA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR?	295
Manuel Monteiro, José Matias Alves	
QUALIDADE NA EDUCAÇÃO NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CORUMBÁ (MS) BRASIL	315
Marco António Oliva Monje	
UMA EXPERIÊNCIA DE IMPLEMENTAÇÃO DE MÉTODOS DE APRENDIZAGEM DINÂMICA E COOPERATIVA NO CONTEXTO DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA	333
Marco Cruzeiro	
O MAL-ESTAR DISCENTE NUMA ESCOLA DO OUTRO SÉCULO: OLHARES DE ALUNOS	353
Carla Baptista, José Matias Alves	

PERCEPÇÃO DA AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO HERMENÊUTICO	371
Leyani Ailin Chávez Noya de Oliveira, Wilson ProfirioNicaquela	

ÁREA TEMÁTICA

ALUNOS, PROFESSORES E POLÍTICAS DE INCLUSÃO NA ESCOLA

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA COM ALUNOS EM RISCO USANDO JOGOS DIGITAIS	405
Joaquim Sousa, António Andrade, Joaquim Machado	
AS ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR: A VOZ DOS ATORES	420
Maria Filomena Gonçalves Ferreira, Joaquim Machado	
PROGRAMA INTEGRADO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO (PIEF): UMA MEDIDA ESCOLAR DE INCLUSÃO OU EXCLUSÃO?	435
Darlíane Silva do Amaral	
A CANDIDATURA AO ENSINO SUPERIOR COMO ESTRATÉGIA DE DISTINÇÃO SIMBÓLICA: AS ESCOLHAS DOS ESTUDANTES DISTINGUIDOS POR MÉRITO ESCOLAR NO ENSINO SECUNDÁRIO	450
Germano Borges, Leonor Lima Torres	
PELOS 'JARDINS SECRETOS' DE DUAS ESCOLAS COM POPULAÇÕES ESTUDANTES SEMELHANTES, MAS COM RESULTADOS ACADÉMICOS DIFERENTES	468
Sílvia Amorim, Ilídia Cabral, José Matias Alves	
COMUNIDADE CIGANA CALON EM PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: CONFLITOS ÉTNICOS E SABERES PLURICULTURAIS	489
Lenilda damasceno Perpétuo, Erlando Silva Rêses	
DAS TENDÊNCIAS EUROPEIAS ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM PORTUGAL, COM TECNOLOGIAS EMERGENTES	506
Íris Daniela Bidarra, António Andrade	
OS ESPAÇOS EDUCATIVOS NAS ESCOLAS DO PROGRAMA DE MODERNIZAÇÃO DO PARQUE ESCOLAR DESTINADO AO ENSINO SECUNDÁRIO	523
Manuel Peniche Bertão, José Matias Alves	
O (IN)SUCESSO ESCOLAR NO PRIMEIRO ANO DO CURSO DE ENGENHARIA MECÂNICA	548
Samuel Helena Tumbula, Joaquim Azevedo	
PROMOVER O SUCESSO ESCOLAR ATRAVÉS DA LITERACIA: O EXEMPLO DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CANGUÇU, NO RIO GRANDE DO SUL	566
Carla Alexandra do Espírito Santo Guerreiro, Geisa Portelinha Coelho	

AS FRONTEIRAS DA SALA DE AULA: CRUZAMENTOS CONSENTIDOS	577
Isabel Lage, José Matias Alves	
A TUTORIA ESCOLAR COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS JOVENS: SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DE EVIDÊNCIAS	596
Sandra Mónica Dias Almeida, Cristina Palmeirão	
O IMPACTO DAS PROVAS EXTERNAS DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO, PARA ALÉM DOS NÚMEROS: RESULTADOS, REPRESENTAÇÕES E IMPACTOS PERCECIONADOS	620
Ana Vigário, Ilídia Cabral	
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA – EDIÇÃO DE 2014: QUE PRESSUPOSTOS DOS AUTORES E DECISORES CURRICULARES?	639
Francisco Guimarães, Maria do Céu Roldão	
ESTUDIO MULTINIVEL SOBRE EL IMPACTO DE LAS ESTRATEGIAS DE EVALUACIÓN EN EL AULA SOBRE EL RENDIMIENTO ACADÉMICO EN AMÉRICA LATINA	660
Cynthia Martínez Garrido	
O(S) EFEITO(S) DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA PROMOÇÃO DO SUCESSO DA APRENDIZAGEM NA LÍNGUA MATERNA NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO	677
Maria Isolete Sousa, Daniela Gonçalves	
PROJETOS INTERDISCIPLINARES: UMA OPORTUNIDADE DE APRENDIZAGEM CRÍTICA E CRIATIVA	694
Marina Pinto, Renata Leite, Daniela Gonçalves	
A INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DO ENSINO DAS CIÊNCIAS: UM ESTUDO CENTRADO NOS CURRÍCULOS BRASILEIRO E PORTUGUÊS	708
Micheli Bordoli Amestoy, Laurinda Leite, Luiz Caldeira Brant de Tolentino-Neto	
ÁREA TEMÁTICA	
DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO PROFISSIONAL	
<hr/>	
A ESCOLA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: CONTRIBUIÇÕES PARA O TRABALHO DOCENTE	731
Jane do Carmo Machado, Mary Rangel, Rui Neves	
A SUPERVISÃO PEDAGÓGICA E O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA	747
Carla Sofia Oliveira	
OS PROFESSORES E A COADJUVAÇÃO EM SALA DE AULA	768
Eulália Tadeu, Joaquim Machado	

A SUPERVISÃO COMO DISPOSITIVO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E TRANSFORMAÇÃO DE PRÁTICAS	786
Elza Mesquita, Maria do Céu Roldão	
AS NOVAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: UM PROCESSO EM PARTICIPAÇÃO	803
Amélia de Jesus Marchão, Hélder Henriques, Fernando Rebola	
ESTRATÉGIAS FORMATIVAS E IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL E PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS COM ENSINO PROFISSIONAL	824
Luísa Orvalho, José Matias Alves	
O MULTICULTURALISMO E A DOCÊNCIA NO CONTEXTO AMAZÔNICO: A ATUAÇÃO DO PROFESSOR ASSISTENTE NO CURSO DE PEDAGOGIA INTERCULTURAL	839
Sirley Marques da Silva	
FORMAÇÃO BIOÉTICA NO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO: EVOLUÇÃO, SITUAÇÃO ATUAL E PERSPETIVAS	858
Sérgio Olim Gomes de Mendonça	
ÁREAS CURRICULARES NA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA: PERSPETIVAS DOS EDUCADORES	881
Manuel Luís Castanheira, Carla alexandra do Espírito Santo Guerreiro	
O CONTRIBUTO DA SUPERVISÃO PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO DOCENTE ONLINE: REFLEXÕES TEÓRICAS	887
Susana Henriques, Maria Ivone Gaspar, Maria Lúcia Massano	
AS INCERTEZAS DA AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOCENTE...	899
Teresa Melo Gomes; Rosa Serradas Duarte	
POLÍTICA DE FORMAÇÃO DOCENTE: O PIBID COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO CULTURAL	917
Cláudia Aleixo Alves	
A PROFISSIONALIDADE DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA DE QUALIDADE SOCIAL	931
Adriane de Lima Penteadó	
UM ESTUDO SOBRE AS DIMENSÕES DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO ADMINISTRADOR	948
Sefisa Bezerra, Elsa Morgado, Mário Cardoso, Levi Silva	
UM CURRÍCULO CONSTRUÍDO EM TORNO DO MAR: GÉNESE, DESENVOLVIMENTO E POTENCIALIDADES DE UM PROJETO	968
Paula Pinto, José Matias Alves	
PUBLIC EDUCATIONAL POLICIES FOCUSED ON GENDER IN BRAZIL: DILEMMAS AND CHALLENGE	968
Elisabete Corcetti, Maria das Dores Saraiva de Loreto	

QUANDO O PESQUISAR COLABORA PARA FORMAR: PROFESSORAS NAS OFICINAS DE APRENDIZAGEM DO FACEBOOK	1012
--	------

Joelci Mora Silva, Sônia da Cunha Urt

A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA PSICOLOGIA PARA ATUAR NA INTERFACE COM A EDUCAÇÃO EM MATO GROSSO DO SUL	1025
--	------

Aldenor Batista da Silva Junior, Joelci Mora Silva, Soraya Vital, Sônia da Cunha Urt

ÁREA TEMÁTICA

ESCOLA, TERRITÓRIO E MUNDO DO TRABALHO

ESCOLARIZAÇÃO E MUNDO DO TRABALHO	1047
--	------

Milena Pimenta de Souza

OS MUNICÍPIOS E A DESCENTRALIZAÇÃO EDUCATIVA: RETÓRICA E AÇÃO	1059
--	------

Joana Leite, Joaquim Machado

A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL IMPLEMENTADA COM O PRONATEC E A SUA VINCULAÇÃO COM O MUNDO DO TRABALHO	1068
---	------

Danilma de Medeiros Silva, Dante Henrique Moura

ESCOLA PRIMÁRIA SUPERIOR DO FUNCHAL (1919-1926)	1085
--	------

Filomena Lume

OS CURSOS PROFISSIONAIS EM PORTUGAL, 2005-2016: UMA ABORDAGEM EXPLORATÓRIA DE AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS	1098
--	------

Danilma de Medeiros Silva

PROJETO EDUCATIVO MUNICIPAL: DA RETÓRICA ÀS (PERCEÇÕES SOBRE AS) PRÁTICAS – UM ESTUDO DE CASO	1112
--	------

Maria Teresa Mateus Pires, Ilídia Cabral

A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO INICIAL: O SENTIDO E O SIGNIFICADO DA LEITURA NA VOZ DOS LEITORES	1134
--	------

Célia Beatriz Piatti, Sônia da Cunha Urt, Joelci Mora Silva

POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO EM CONTEXTOS EM DESENVOLVIMENTO PERCEBIDAS NA COMPLEXIDADE DO GLOCAL	1151
--	------

Carolina Mendes, José Matias Alves, Paulo de Carvalho

HÁ LUGAR PARA O ANTROPÓLOGO NOS PLANOS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL?

Henrique Luís Gomes de Araújo

UCP / CEDH

Porto, Portugal, haraujo@porto.ucp.pt

Resumo

O objeto desta comunicação é o papel do antropólogo nos projetos de desenvolvimento local. Este objeto não é de discussão pacífica: o conceito de desenvolvimento tecno - científico é universal, enquanto as noções de cultura (s) que o antropólogo estuda são particulares. Como conciliar o carácter universal do desenvolvimento tecno - científico com o carácter particular e diverso das culturas? O objetivo desta comunicação é discutir tal questão no sentido de justificar aquele papel. Há economistas que defendem que o investimento tem sido, em Portugal, muito desvalorizado, como se o crescimento económico resultasse apenas da política fiscal, do aumento dos salários ou de aspetos que tem a ver com a procura. Ora a variável chave do crescimento económico, como dizem outros, é o “investimento competitivo”, que melhora a qualidade do que fazemos “dentro de casa” e a qualidade da nossa participação na globalização. No meio de variáveis económicas quantitativas, surge aqui uma variável humana, qualitativa. É através dela que os antropólogos podem afirmar a sua diferença específica no “investimento competitivo” implicado em projetos de desenvolvimento local.

O que faz a sua qualidade específica? É a sua formação e prática metodológicas, simultaneamente científicas e artísticas. Científicas, porque se apoiam na tripla metodologia do trabalho de campo, da observação participante e do método comparado. Artísticas, porque os antropólogos surgem-nos, na sua formação e nas

suas práticas metodológicas com os sujeitos dos contextos estudados, como co – autores de projetos criativos de desenvolvimento local.

Em síntese: o antropólogo desempenha um papel no desenvolvimento local porque através das suas supracitadas competências, pode ser um mediador entre a população local e as instituições políticas donde imanam esses planos.

Palavras-chave: Antropologia; desenvolvimento; coautor; metodologia.

Abstract

The object of this communication is the anthropologist's role in local development. This is not a matter of peaceful discussion: the techno-scientific development is a universal concept while the notions of culture(s) that the anthropologist studies are particular. How to reconcile the universal character of techno - scientific development with the particular and diverse character of cultures? The aim of this communication is to discuss this issue in order to justify that role.

There are economists who argue that investment in Portugal has been greatly undervalued, as if economic growth is only due to fiscal policy, to rising wages or to demand-related aspects.

The key variable of economic growth, as others say, is "competitive investment," which improves the quality of what we do "in-house" and the quality of our participation in globalization. In the midst of quantitative economic variables, there is a human qualitative variable that emerges. It is through this variable that anthropologists can affirm their specific difference in the "competitive investment" implied in local development projects.

What makes their specific quality? It is their methodological formation and practice, both scientific and artistic. Scientific, because they rely on the triple methodology of fieldwork, participant observation and comparative method. Artistic, because anthropologists appear to us, in their formation and in their methodological practices with the subjects of the contexts studied, as co - authors of creative projects of local development.

In summary: the anthropologist plays a qualitative role in local development plans because, through its competences already mentioned, he can be seen as a mediator between the local population and the institutions from which those plans emanate.

Keywords: Anthropology; development; co-author; methodology.

1. Introdução: a formação em Antropologia.

Difícilmente se poderia compreender o texto que a seguir apresento, sem um esboço introdutório acerca do percurso profissional de formação em Antropologia. No meu caso, essa iniciação nasceu com as condições político – sócio – culturais abertas pelo 25 de Abril de 1974. A educação de adultos numa aldeia nordestina, junto à zona raiana do Douro Internacional (aldeia de Duas Igrejas no concelho de Miranda do Douro), exigiu de mim, no regresso, a escrita de uma monografia. Com ela, veio, por arrasto, a “descoberta” da minha vocação de antropólogo, tal foi o entusiasmo com que transpus para essas páginas as relações humanas por mim observadas durante a curta estadia na aldeia.

Após o 25 de Novembro de 1975, fui convidado para o Centro de Estudos de Educação e Cultura (CEEC) onde prossegui, fora de orientações político-partidárias, trabalho de educação de adultos em comissões de moradores e de fábrica (Fapobol) no Porto e a consequente formação segundo o método de Paulo Freire.

Em 1984, com a orientação de Brian O’neill, regressei, dez anos depois, à aldeia de Duas Igrejas para avaliação das mudanças sócio – culturais, entretanto ocorridas no seio das relações humanas da aldeia. Entretanto uma bolsa do governo português permitiu-me candidatar-me a um lugar numa pós – graduação em sociologia, especialidade antropologia social, na Universidade Católica de Luvaina (Bélgica).

No regresso, iniciei a minha preparação no doutoramento em Antropologia Social no I.S.C.T.E.-I.U.L. com a orientação de Raul Iturra – que concluí em 1997 sobre os critérios de escolha do sucessor à direcção da empresa familiar Porto Ferreira. Condições institucionais de vária ordem, determinaram uma nova escolha de objeto de investigação: o das sociedades musicais.

Neste intervalo de tempo, continuei a participar em ações de formação na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (SPAEE) e na Associação Portuguesa de Antropologia (APA), a partir da formação entretanto adquirida nos vários trabalhos de campo.

2. O antropólogo: as suas diferenças específicas.

Há nele, em primeiro lugar, uma diferença específica na sua formação. Não se formam antropólogos, através da constituição de saberes retirados de fontes digitais, com recurso a *sites* e a textos teóricos, mas antes em íntimo diálogo biográfico com dados empíricos recolhidos na observação participante e etnográfica em trabalho de campo e de arquivo e depois, na aplicação do método comparado a outras culturas.

Os antropólogos foram seguramente os primeiros cientistas a porem em causa nas suas práticas metodológicas próprias, o modelo antropológico cartesiano em que a racionalidade (*a res cogitans*) aparecia separada da corporeidade (*a res extensa*) da emotividade e da afetividade. Foram seguramente os primeiros a apresentarem um modelo antropológico complexo e unitário em que o ser humano surgia pensando criticamente o que sente e sentindo o que pensa.

Há uma segunda diferença específica: a de a “observação participante” do “presente etnográfico” não partir de um passado, mas ser antes o carácter urgente das evidências problemáticas do “tempo diurno” do presente, com as mudanças dessincronizadas¹ do “tempo curto” (com especial ênfase para as coalescentes à crise de 2008 / 2009) que convida a iluminar, com a investigação do antropólogo, os subterrâneos do “tempo nocturno” (Pina Cabral, 2000, p. 875) do “tempo longo” do passado. Em suma: o antropólogo não lê esse tempo, à maneira dos historiadores, *a partir do passado para o presente*, mas, como antropólogo, lê-o inversamente, *a partir do presente, quer para o passado, quer para o futuro*. De facto, este é o modo da leitura antropológica do tempo.

Como consequência, há uma terceira diferença específica: a do tempo longo deste tipo de formação a exigir períodos extensos de permanência em trabalho de campo e de arquivo. A constituição de sociedades científicas em que os resultados dessas pesquisas eram apresentados e discutidos, após a escrita de minuciosos e detalhados “diários de campo” ou “de bordo” em que toda uma cultura oral e iletrada ia sendo vertida, num vai e vem, para uma cultura escrita e erudita, era a prova da existência de centros de formação comparada dos antropólogos, em “tempo lento” e de longa duração. Articulados ou não em academias,

¹ Sobre o conceito de dessincronia Vide Han, B.-C. (2009) O Aroma do Tempo. Um Ensaio Filosófico sobre a Arte da Demora, Lisboa: Relógio d'Água Editores, 9-11.

caracterizavam-se por serem centros “informais” de formação –, isto é dizer: sem estrutura curricular nem a respetiva avaliação formal. Ora hoje, o antropólogo encontra-se, na maior parte dos casos, inserido em centros de investigação com os seus estatutos e procedimentos competitivos, ditados por regras de financiamento estritas e sujeitos a painéis de avaliação de carreiras académicas em que a observação participante e o trabalho de campo se encontram espartilhados por um “tempo curto” e “acelerado”, sempre fugidio.

Onde permanecem aquelas diferenças específicas? Onde fica a identidade do antropólogo? Difícil é hoje a definição desta questão. É, possivelmente, na sua formação e nas suas práticas metodológicas, simultaneamente científicas e artísticas. Científicas, porque se apoiam na tripla metodologia do trabalho de campo, da observação participante e do método comparado. Artísticas, porque os antropólogos surgem-nos nelas, com os sujeitos dos contextos estudados, como co – autores de planos criativos de desenvolvimento local.

3. O antropólogo entre o conceito de desenvolvimento técnico-científico e a noção de cultura.

Na realidade, se o objeto do trabalho antropológico é a cultura, na sua diversidade, na sua comparação analógica com outras e nas suas interações com a natureza, no tempo longo da sua existência, o certo é que o contexto em que essa pesquisa se desenvolve hoje é predominantemente científico-tecnológico, caracterizado por uma aceleração digital constante e universal e por assim dizer, liberta já dos ritmos da natureza. Basta lembrarmo-nos de toda a digitalização que a computação, com as suas ferramentas e aplicações em *smartphones*, *tablets* e *robots*, implica no trabalho de recolha e de sistematização em fichas de observação, grelhas e bases de dados, obtidos a partir do trabalho de campo e de arquivo.

Assim, o antropólogo trabalha hoje na dessincronia de dois tempos: o do desenvolvimento técnico-científico, acelerado, fragmentado nas suas significações, universal e linear e o do desenvolvimento humano e cultural, lento, significativo, particular e interactivo. Há neste *hic et nunc* uma tensão iniludível na formação e nas práticas metodológicas do antropólogo, isto é dizer que a evolução tecnológica das sociedades globalizadas, a aceleração e as dessincronias das temporalidades sociais e do tempo psicológico, tornaram cada vez mais tensa e problemática a incorporação do desenvolvimento tecnológico no desenvolvimento humano.

A quarta revolução, o “novo mundo” digital com todo o seu saber tecnológico, vem pretender justificar o desenraizamento do mundo analógico, natural e cultural, em que se insere. O *download* do mundo analógico que ele vem produzir leva assim a formular neste novo contexto, a questão: o que é a realidade? É a tradução em gráficos, escalas, e análises financeiras de um crescimento económico, como condição necessária, mas não suficiente de desenvolvimento.

4. O investimento no crescimento em Portugal e os planos de desenvolvimento local.

Como sabemos, o território dos países da União Europeia, incluindo o território português, está dividido em sub-regiões estatísticas: são as NUTS (Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos). Ora, no que diz respeito à nossa Região Norte (NUTS II), o Programa Operacional Regional do Norte 2014 - 2020 (NORTE 2020) é o instrumento financeiro de apoio ao desenvolvimento regional desta região, gerido pela Comissão de Coordenação da Região Norte (CCDR - N), que aplicará durante os próximos anos 3,4 mil milhões de Euros de Fundos Europeus Estruturais e de Investimento (FEEI). O programa integra o Acordo de Parceria “Portugal 2020” e o atual ciclo de fundos estruturais da União Europeia destinados a Portugal.

Ora, o NORTE 2020, implica a conceção e a execução de “estratégias integradas de desenvolvimento territorial” (Área Metropolitana do Porto (AMP), Alto Minho, Douro, etc.), dinamizadas pelas Comunidades Intermunicipais (CIMS) e pela AMP e de estratégias de “desenvolvimento local² de base comunitária (DLBC)”, dinamizadas por Grupos de Ação Local (GAL). “O DLBC pretende dar resposta aos elevados níveis de desemprego e aos crescentes índices de pobreza, através da dinamização económica local, da revitalização dos mercados locais e da sua articulação com territórios mais amplos e, em geral, da diversificação das economias locais, do estímulo à inovação social e à busca de novas respostas a problemas de pobreza e de exclusão social em territórios desfavorecidos em contexto urbano e em territórios rurais ou costeiros economicamente fragilizados ou de baixa densidade populacional.” (NORTE 2020).

² Entendemos por “local” um espaço sócio – territorial, delimitado por uma característica eletiva, definidora de uma identidade própria.

5. O processo sacrificial inerente aos planos de desenvolvimento local.

Este articulado, parece indiciar que o investimento, quer nas estratégias de desenvolvimento territorial, quer nas estratégias de desenvolvimento local, tem como objetivo não apenas o crescimento pretensamente baseado numa política fiscal, no aumento dos salários ou em aspetos que tem a ver com a procura, mas o desenvolvimento em base participativa e competitiva. Não parece visar-se, assim e apenas, uma regulação de controlo político - jurídico, “de cima para baixo”, exclusiva, mas antes uma auto - regulação sociocomunitária (Azevedo, 2009, p.22), inclusiva, de *in puts* “de baixo para cima”. O crescimento aparece-nos deste modo como condição necessária, mas não suficiente do desenvolvimento.

Do ponto de vista antropológico, há sempre violência³ e troca⁴ nos processos sócio - culturais e económicos de crescimento e de desenvolvimento. A primeira, a violência, é uma relação de poder pervertida pela representação das diferenças em presença (geracionais, de género, étnicas, de classe, etc.) como essenciais e das semelhanças como acidentais, o que amortece as trocas materiais e simbólicas e, assim, propicia a auto - destruição do grupo e a extinção da sua reprodução bio - eco- sócio- cultural - económica e espiritual⁵. Pelo contrário, a troca torna-se desejável entre atores que, por se inter - reconhecerem como essencialmente semelhantes e acidentalmente diferentes, aceitam e ganham todos em jogar o jogo das relações de reciprocidade amorosa, ou não violenta e que servem de garantia da sobrevivência, da reprodução e da inovação da comunidade (Gomes de Araújo, 2004, p.231).

Há aqui um processo sacrificial com dois poderes intimamente articulados, em que o primeiro serve de justificação ao segundo: o da dádiva e o da libertação (Turner, 1969, p. 177). Como noutro lugar tive oportunidade de referir (Gomes de Araújo,

³ Entendemos por “violência” relações de reciprocidade entre sujeitos que se tomam a si mesmos como essencialmente distintos (nas suas diferenças étnicas, geracionais, de género, de classe) e acidentalmente semelhantes.

⁴ Entendemos por “troca” relações de reciprocidade (amorosa ou não violentas) entre sujeitos que se tomam a si mesmos como essencialmente semelhantes e acidentalmente diferentes. São elas que servem de garantia de sobrevivência, de reprodução e de inovação na comunidade.

⁵Entendemos por “reprodução e inovação bio -psico - eco - sócio- cultural - económica, cultural e espiritual” o processo pelo qual num grupo social os sujeitos não consomem todos os bens que produzem ou criam, mas guardam uma parte deles para o seu desenvolvimento, ou seja, para recomeçarem doutro modo a sua vida, na geração seguinte.

2015, p.46), o primeiro é interior ao sistema e baseado na força, na riqueza, na autoridade, no estatuto e na tradição, exerce-se segundo o eixo da comunidade, em sentido horizontal, em torno da metáfora do “(re)renascimento”, destrutura uma ordem iníqua e faz renascer a identidade e a existência da comunidade; o segundo, o da libertação, é exterior ao sistema, baseia-se em Deus, nos espíritos e nos antepassados e exerce-se segundo o eixo vertical da estrutura social, no sentido descendente, em torno da metáfora da morte e reestrutura e purifica a sociedade e a cultura. O poder da dádiva dissolve a impureza como ofensa que é contra a ordem divina. Mas não purifica. A purificação dimana do poder de libertação. Daí que num processo sacrificial possa haver fases de inovação sistémica, de reorganização do sistema social em desenvolvimento que o libertem ou salvem das fases de involução ou de decadência: são as mudanças de sistema ou mudanças de tipo 2⁶.

6. Qual o papel do antropólogo nos planos de desenvolvimento local?

Em causa parece estar um “investimento competitivo” em função das diferenças específicas de cada cultura local, que melhora a qualidade do que é feito “dentro de casa” e a qualidade da participação dos sujeitos locais na globalização⁷. No meio de variáveis económicas quantitativas, surgem aqui duas variáveis humanas, qualitativas: o “capital humano” (o da adesão das pessoas como sujeitos do desenvolvimento em educação, saúde, alimentação, habitação, saneamento, qualidade de vida, etc.) e o “capital social” (o da participação das pessoas, da sua cooperação e solidariedade, da confiança entre elas). É através delas que os antropólogos podem afirmar o seu papel nos planos de desenvolvimento local.

Doutro modo: como dissemos no início, os antropólogos trabalham entre dois tempos: o cultural, lento e significativo e o científico – tecnológico, acelerado e fragmentado nas suas significações. Seríamos omissos se não os reportássemos ao contexto, não de uma, mas de duas culturas: a oral e a escrita. O saber escutar e recolher os saberes tradicionais orais, as lendas e narrativas de cada cultura, através

⁶ Watzlavick, P., Weakland, J., Fich, R. (1975), *Changements, Paradoxes et Pshycothérapie*, Paris: Éditions du Seuil.

⁷ Robert Robertson, no seu livro *Globalization and Global Culture* prefere falar de glocalização como o melhor exemplo da conjugação do lado macroscópico (global) da vida contemporânea com o lado microscópico dela (local).

da multiplicidade dos percursos biográficos dos seus agentes e ir transpondo-os para o seu registo plural em diários, significa como os antropólogos estão capacitados, pela sua formação pluridisciplinar e práticas metodológicas, para irem fazendo nascer na convergência, a genealogia destas duas culturas, a oral e a escrita: a primeira, ao serviço da regulação sócio-comunitária dos seres humanos e a segunda, ao serviço da regulação político-jurídica dos atores sociais. Conhecedores dos recursos, dos saberes tradicionais e das diferenças específicas da cultura de cada local sabem, como ninguém, dar voz à comunidade de irmãos (de uma *filadélfia* à grega ou de uma *Gameinschaft*, à alemã), conferir-lhes o estatuto de cidadãos e contextualizá-los nos processos bio- psico - eco – sócio – culturais -, económicos, jurídicos e tecnológicos implicados no desenvolvimento local.

Compreendemos assim que o papel do antropólogo no desenvolvimento local é o de promover a co - autoria de todos os seus atores na criação de melhores condições de educação, de habitação, de emprego, em suma, de qualidade de vida. Para atingir tal desiderato, o seu papel é o de serem mediadores entre os agentes do desenvolvimento local e as instituições políticas donde emanam esses planos de desenvolvimento.

7. Referências Bibliográficas

- Azevedo, J., (2009). “A Educação de Todos e ao Longo de Toda a Vida e a Regulação Socio - Comunitária da Educação”. *Cadernos de Pedagogia Social*, 3, ano III.
- Gomes de Araújo, H.L. (1974). *Dário I* (sobre Duas Igrejas) – manuscrito.
- Gomes de Araújo, H.L. (1985). *Diários II e III* (sobre Duas Igrejas) – manuscritos
- Gomes de Araújo, H.L. (1986). *Diário I e II* (sobre Warnach) - manuscritos.
- Gomes de Araújo, H.L. (1989 – 1996). *Diário I, II e III e Notas* (sobre a Porto Ferreira) - manuscritos
- Gomes de Araújo, H.L. (1992-1996). *Apontamentos de Antropologia da Educação* - manuscritos.
- Gomes de Araújo, H.L. (1998). *Ética, Economia e Educação. Ensaio sobre o Vinho do Porto*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- Gomes de Araújo, H.L. (2004). Sacrifício, Comunidade e Utopia. A Independência da República Democrática de Timor- Leste. *In Brotéria*, Lisboa: 3. Vol. 158.

- Gomes de Araujo, H.L. (2009; 2015). O Papel da Dádiva no Teatro da Economia. O significado antropológico do presente, *In* (Dir. Isabel Baptista) *Cadernos de Pedagogia Social*, Porto: Universidade Católica Portuguesa
- Han, B.-C. (2009). *O Aroma do Tempo. Um Ensaio Filosófico sobre a Arte da Demora*, Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Pina-Cabral, J. (2017). *World. An Anthropological Examination*. Hau Books
- Robertson, R. (1992; 1998). *Globalization: Social Theory and Global Culture*: London Sage Publication, p. 173
- Turner, V. (1969). *The Ritual Process, Structure and Anti-Structure*. Chicago: Aldine Publishing Company.
- Watzlavick, P., Weakland, J., Fich, R. (1975), *Changements, Paradoxes et Pshycothérapie*, Paris: Éditions du Seuil.